



Universidade Federal
de Campina Grande



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO SEMIÁRIDO NORDESTINO

EUGENIO ROLIM RODOVALHO DE ALENCAR

**A PRIMEIRA GREVE DOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE
CAJAZEIRAS: Memórias dos Participantes.**

Cajazeiras - PB

2011

EUGENIO ROLIM RODOVALHO DE ALENCAR

**A PRIMEIRA GREVE DOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE
CAJAZEIRAS: Memórias dos Participantes.**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em História do Semiárido Nordestino, da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, como requisito à obtenção do título de Especialista em História do Semiárido Nordestino.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes

Cajazeiras - PB

2011



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

A368p ALENCAR, Eugênio Rolim Rodovalho de
A primeira greve dos professores do município de
Cajazeiras: memórias dos participantes. / Eugênio
Rolim Rodovalho de Alencar. Cajazeiras, 2011.
65f. : il.

Orientador: Dorgival Gonçalves Fernandes.
Monografia (Especialização) UFPA/CFP

1. Greve. 2. Professores – Município de Cajazeiras- Greve – 1984 -
Memória. 3. História Oral.

I. Fernandes, Dorgival Gonçalves. II. Título.

UFPA/BS

CDU – 331.109.32

EUGENIO ROLIM RODOVALHO DE ALENCAR

**A PRIMEIRA GREVE DOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE
CAJAZEIRAS: Memórias dos Participantes.**

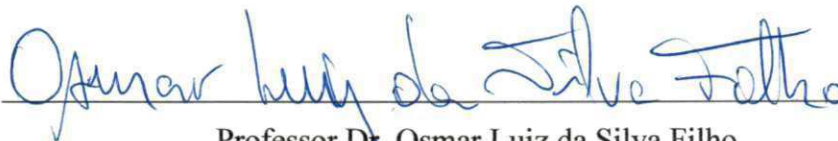
Esta Monografia foi julgada adequada à obtenção do título de Especialista em História do Semiárido Nordestino, aprovada em sua forma final pelo curso de Especialização em História do Semiárido Nordestino, da Universidade Federal de Campina Grande.

Cajazeiras(PB), 13 de setembro de 2011



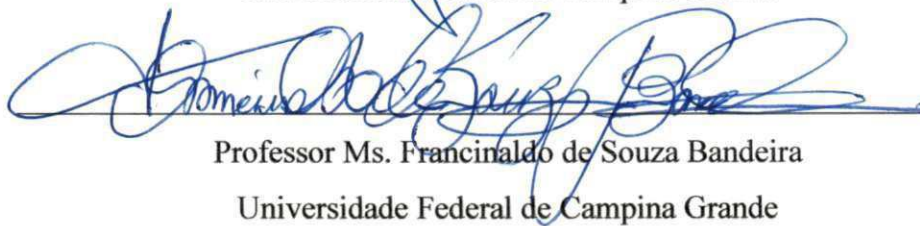
Professor Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes, (Orientador)

Universidade Federal de Campina Grande



Professor Dr. Osmar Luiz da Silva Filho

Universidade Federal de Campina Grande



Professor Ms. Francinaldo de Souza Bandeira

Universidade Federal de Campina Grande

Dedico o presente trabalho aos meus queridos pais, José Alencar Sobrinho e Francisca Rolim de Albuquerque (*in memoriam*) que educaram os seus filhos com amor e dedicação ao estudo, à minha querida companheira Assunção e aos meus Filhos Hannah Olga, Lucas Japhet e Léon Pedro. Dedico também esta monografia aos professores do município de Cajazeiras, em especial aos professores que realizaram a primeira greve da categoria, enfrentando heroicamente o poder autoritário da elite local.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Dr. Dorgival Fernandes que me indicou com sabedoria o caminho a ser trilhado na realização da pesquisa que ora concluo. Reconheço a sua paciência e o debate franco estabelecido nas conversas que mantivemos ao longo do percurso da especialização. Agradeço também aos professores do curso de Especialização em História do Semiárido Nordestino, da Universidade Federal de Campina Grande, Dr. Rodrigo Ceballos, Dr. Osmar Luiz, Dr^a Lucinete Fortunato e o Ms. Izamarç Gonçalves, que no transcurso de suas aulas nos guiaram pelas discussões historiográficas e metodológicas, necessárias para a realização dos nossos trabalhos. Agradeço também a todos os meus colegas do curso de especialização, esperando que as amizades iniciadas na sala de aula permaneçam sempre fortes. Expresso meus sinceros agradecimentos aos professores que me concederam as entrevistas trabalhadas, sem as quais não teria realizado a pesquisa que ora apresento. Por fim, quero externar meus agradecimentos ao professor Dr. Alder Júlio Calado, que se dispôs a participar da banca examinadora desta monografia, mas que por motivo de saúde na família não pode comparecer e a Professora e Mestra Maria Sandra Rodrigues dos Santos, minha colega de graduação, que leu parte deste trabalho e propôs algumas sugestões.

“A memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais (...) mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos”.

(Marilena de Souza Chauí)

RESUMO

O presente trabalho monográfico estuda um fato histórico acontecido no ano de 1984: a greve de professores do município de Cajazeiras-PB. Este evento histórico possui a qualidade de ter sido o primeiro movimento grevista dos servidores municipais desta cidade. O problema central da nossa pesquisa diz respeito à memória dos professores que participaram da greve ocorrida na Escola Municipal Monsenhor Constantino Vieira, em agosto de 1984. A problemática encarada como elemento formulador da atual pesquisa se apresenta da seguinte forma: o que e como os professores da escola Constantino Vieira guardam em suas recordações sobre os diversos aspectos e acontecimentos da greve por eles encetada em 1984, mais de duas décadas após aquele acontecimento? O que revela o discurso dos professores grevistas expresso atualmente, acerca daquele acontecimento? Para escrever e analisar a fala dos professores, adotamos a metodologia da história oral. Portanto, é a história narrada pelo discurso dos personagens que estiveram à frente dos acontecimentos da greve objeto desse estudo, que trazemos para o debate no seio da academia.

Palavras –chaves: Greve 1. Memória 2. Professores 3. História oral 4.

RÉSUMÉ

Ce travail monographique constitue une étude sur un évènement historique qui s'est passé pendant l'année de 1984: la grève des professeurs de la ville de Cajazeiras, dans l'État de Paraíba. Cet évènement fut la première grève menée par les fonctionnaires publics de la municipalité de Cajazeiras. La problématique centrale de cette recherche consiste à recueillir et à analyser la mémoire des professeurs qui ont participé à cette grève ayant lieu dans l'Escola Municipal Monsenhor Constatino Vieira, au mois d'Août 1984. Qu'est ce que les professeurs ont-ils retenu, deux décennies après l'évènement, dans leurs mémoires à propos des divers éléments du mouvement qu'ils ont réalisé? Qu'est-ce que le discours des participants à la greve est-il en mesure de dévoiler, actuellement? Pour écrire et analyser les discours des professeurs, nous avons adopté la méthodologie de l'histoire orale. Il s'agit donc de faire appel à l'histoire racontée par les personnages qui étaient au front du mouvement objet de cette étude, que nous cherchons à apporter au sein de l'academie.

Mots-clef: Grève 1. Mémoire 2. Professeurs 3. Histoire orale 4.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1

Foto da manifestação realizada dos professores realizada em 22/08/1984.....pág. 33

Figura 2

Reprodução do panfleto distribuído pelos grevistas no dia 22 de agosto de 1984
.....pág. 35

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	11
2 – OBJETIVOS.....	16
3 – REFERENCIAIS TEÓRICOS: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ABORDAGENS HISTORIOGRÁFICAS USADAS NESTA PESQUISA	17
4 – METODOLOGIA	24
5 – O DISCURSO DOS PROFESSORES GREVISTAS: Memórias e Esquecimentos.....	28
6 – CONCLUSÃO	42
7 - REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
8 - ANEXOS	46
Anexo A – Termo de Consentimento assinado pelo professor Anchieta.....	47
Anexo B – Termo de Consentimento assinado pelo professor Crispim	48
Anexo C – Termo de Consentimento assinado pela professora.Consueira.....	49
Anexo D – Termo de Consentimento assinado pelo professora Aparecida.....	50
Anexo E – Panfleto distribuído pelos grevistas no dia 22 de agosto de 1984.....	51
Anexo F – Ata manuscrita da assembléia de fundação da ASPEC.....	52
Anexo G – Ata datilografada da assembléia de fundação da ASPEC	58
Anexo H – Ata Manuscrita da assembléia de posse da diretoria da ASPEC	61
Anexo I – Ata datilografada da assembléia de posse da diretoria da ASPEC	63
Anexo J – Portaria de exoneração da professora Consueira Ferreira da Silva.....	65

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico estuda um fato histórico acontecido no ano de 1984: a greve de professores do município de Cajazeiras. Este evento histórico possui a qualidade de ter sido o primeiro movimento grevista de servidores municipais da cidade de Cajazeiras-PB, num período em que os servidores públicos não tinham sequer o direito legal de constituírem sindicatos para lutar por seus direitos. Nesse período, a luta dos servidores públicos em geral era organizada por associações que cumpriam o papel de sindicatos. Estes últimos somente seriam criados após a aprovação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que permitiu a sindicalização para os funcionários do serviço público¹.

A cidade de Cajazeiras não contava no ano de 1984, sequer com uma associação de servidores municipais encarregada de defender os interesses e direitos destes servidores. Todavia, existia naquele momento a Associação de Professores de Cajazeiras (ASPEC), fundada em dezembro de 1979, com o propósito de representar os profissionais dos diversos estabelecimentos de ensino de Cajazeiras.

Na ASPEC, a maioria de seus filiados eram professores do V Campus da UFPB, sediado na cidade de Cajazeiras, o Centro de Formação de Professores (CFP). Seus outros filiados eram professores da rede Estadual de ensino, conforme podemos observar na ata de fundação daquela entidade². Esta Ata serve como documento histórico para as observações atinentes à organização dos professores cajazeirenses e a participação de representantes do quadro de professores da UFPB no evento histórico ora pesquisado, mostrando que naquele período havia um forte sentimento de solidariedade unindo os professores que trabalhavam em Cajazeiras, independente de fazerem parte da rede estadual ou federal de educação.

Assim, na reunião de fundação da ASPEC, realizada em 15 de dezembro de 1979, estiveram presentes, além de docentes da universidade federal, diversos educadores da rede

¹ Brasil, Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília, Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008.

² A cópia da ata de fundação da ASPEC encontra-se inclusa nos anexos do corpo desta monografia.

estadual de ensino, o que é comprovado pela lista de assinatura dos participantes. Aliás, a primeira secretária eleita da entidade em questão, Maria de Fátima Vieira Cartaxo, responsável pelos trabalhos escritos daquela reunião, era professora da rede estadual e uma das lideranças da categoria do magistério estadual em Cajazeiras.

Dentre os professores, que identificamos num primeiro momento, da rede estadual presentes a reunião de fundação da ASPEC, estavam os professores Eva Gonçalves de Oliveira Maciel, Astride Militão de Albuquerque, Rita Soares de Almeida, Hosana Maria Dias de Sousa, Francisca Zélia Ribeiro. É provável que outros professores estaduais estivessem ali presentes, no entanto, tivemos dificuldade para identificar com exatidão quem eram todos os presentes na citada reunião.

Um fato curioso a ser evidenciado, relativo ao ato de fundação da ASPEC, é que entre os educadores presentes na primeira reunião oficial daquela entidade, estava presente aquela que ocuparia o cargo de Secretária Municipal da Educação do município de Cajazeiras no ano de 1984, no período da greve objeto de nosso estudo, no caso, a professora Francisca Zélia Ribeiro.

A luta travada pelos professores da então Escola Municipal Monsenhor Constantino Vieira, em agosto de 1984, tornou-se um marco na história da organização dos movimentos populares desta cidade, e em especial dos professores do sistema municipal de ensino. Os funcionários municipais cajazeirenses só vieram a fundar o seu sindicato em 1989. Ou seja, cinco anos após a primeira greve de professores do município de Cajazeiras.

É preciso destacar a conjuntura histórica vivenciada pela sociedade brasileira em cujo período se desenrolava o acontecimento, objeto de nosso estudo. Neste sentido, devemos lembrar que o ano de 1984 foi marcado por uma intensa mobilização popular que colocou nas ruas das principais cidades brasileiras milhões de pessoas reclamando a realização de eleições diretas para a escolha do presidente da república. A campanha das “Diretas Já” fazia o Brasil “ferver”, apoiando a emenda constitucional apresentada pelo deputado federal Dante de Oliveira, propondo o retorno das eleições diretas para presidente ³.

³ CF FAUSTO, Boris. *HISTÓRIA DO BRASIL*. 13ª Ed. São Paulo, EDUSP, 2008.

A mobilização popular pela aprovação da emenda constitucional de autoria do deputado federal Dante de Oliveira invadiu as ruas, os lares, os corações e mentes de grande parte do povo brasileiro, recebendo a divulgação nos principais órgãos de comunicação do país e ganhando adeptos nos diversos meios sociais, como músicos renomados que colocaram seus trabalhos a serviço da reivindicação popular. Neste período, a Cantora Fafá de Belém, interpretava a música “Menestrel das Alagoas”, de autoria de Milton nascimento, durante os comícios da campanha das diretas nas principais cidades do país. Por sua vez, o cantor e compositor Chico Buarque teve uma de suas canções da época, o samba “*Pelas Tabelas*”, alçada a condição de hino informal da campanha das diretas⁴.

A televisão, as emissoras de rádio, os jornais, as revistas, todos os meios de comunicação deram cobertura a luta pelas Diretas Já, fazendo com que as informações referentes à organização popular chegasse até o interior de todos os lares brasileiros e a todos os rincões do Brasil.

O clima de luta por democracia e pela realização de direitos inerentes à cidadania estava então espalhado por todo o Brasil, em todo o território da nação, num sentimento arrebatador e contagiante, que impulsionava os mais diversos segmentos da sociedade a brigarem por direitos elementares, tais como: melhores condições de vida, melhores condições de trabalho e melhores salários.

A greve realizada pelos professores do Colégio Municipal Monsenhor Constantino Vieira, conhecido como Colégio Comercial, ocorreu num momento histórico singular, num ano em que o país havia vivenciado uma intensa mobilização popular. Portanto, o evento em estudo estava inserido numa conjuntura histórica marcada pela mobilização e organização popular.

O problema central da nossa pesquisa diz respeito à memória dos professores que participaram da greve ocorrida na Escola Municipal Monsenhor Constantino Vieira, em agosto de 1984. A problemática encarada como elemento formulador da atual pesquisa se apresenta da seguinte forma: o que e como os professores da escola Constantino Vieira guardam em suas recordações sobre os diversos aspectos e acontecimentos da greve por eles

⁴ CF GANDRA, José Ruy. *Coleção Chico Buarque*. Volume 11, São Paulo, Editora Abril, 2010.

encetada em 1984, mais de duas décadas após aquele acontecimento? O que revela o discurso dos professores grevistas expresso atualmente, acerca daquele acontecimento?

Mais de vinte e seis anos após a realização do movimento paredista, objeto de nossa pesquisa, que impressões permanecem na memória dos que estiveram à frente daquela greve dos professores do Colégio Comercial?

O presente trabalho monográfico tem por objetivo responder as questões expostas nos parágrafos anteriores, visando acompanhar e compreender a caminhada dos educadores do município cajazeirense referente a esse fato histórico.

Neste caso, este trabalho se consubstancia numa compreensão da história dos movimentos sociais da região do semi-árido paraibano, notadamente o movimento dos professores da rede pública municipal na cidade de Cajazeiras, abordando a organização, os embates travados com o poder institucionalizado e a reação dos setores da sociedade face à mobilização dos educadores em luta pelos seus direitos, melhores condições de trabalho e melhorias para a educação pública local.

É a história narrada pelo discurso dos personagens que estiveram à frente dos acontecimentos da greve objeto desse estudo, que trazemos para o debate no seio da academia. Para escrever e analisar a fala dos professores, adotamos a metodologia da história oral explicitada no capítulo específico desta monografia.

Acreditamos que o estudo e os entendimentos sobre o evento histórico tratado nesta nossa pesquisa auxiliará no desenvolvimento de pesquisas futuras sobre as diversas mobilizações do magistério público levadas a cabo ao longo das últimas décadas, nos quadros da história local.

Por fim, informamos que esta monografia está organizada nas seguintes partes: Introdução; Objetivos; Breves Considerações Sobre as Abordagens Historiográficas Usadas Nesta Pesquisa; Metodologia; O Discurso dos Professores Grevistas: Memórias e Esquecimentos; Conclusão; Referencias Bibliográficas e Anexos.

Na Introdução tratamos de fazer uma delimitação e justificativa do problema de estudo. Na parte dos Objetivos, abordamos os objetivos gerais e específicos deste trabalho que ora apresentamos.

Nas Breves Considerações Sobre as Abordagens Historiográficas Usadas Nesta Pesquisa, discutimos o referencial teórico que serviu de suporte ao nosso trabalho, começando pela questão da escolha de um evento histórico para ser pesquisado, no caso a greve dos professores do Colégio Comercial ocorrida em agosto de 1984, e como a historiografia debate o significado do evento histórico para a escrita da história.

Na Metodologia apresentamos os instrumentos conceituais e técnicos da história oral, justificando a nossa escolha pelos procedimentos e métodos da história oral.

Na parte intitulada O Discurso dos Professores Grevistas: Memórias e Esquecimentos, apresentamos o resultado de nossas análises, baseado no discurso dos professores que participaram da greve de 1984.

No final apresentamos as conclusões da nossa pesquisa, as referências bibliográficas e os anexos, com documentos indispensáveis a construção desta nossa pesquisa.

OBJETIVOS

Temos por objetivo principal neste trabalho analisar a primeira greve dos servidores públicos municipais de Cajazeiras, sua construção e seus desdobramentos, num esforço de compreensão acerca do papel de pioneiros, presente nas memórias dos diversos sujeitos que tomaram parte naquele acontecimento histórico, das lembranças guardadas na memória dos grevistas acerca daquela mobilização e de como aquele fato tão importante do ponto de vista da história local, permanece presente nos sentimentos e pensamentos dos protagonistas do citado movimento grevista.

Para atingirmos este objetivo principal, fez-se necessário cumprir os seguintes objetivos específicos:

- a) Investigar como se deu a organização do movimento grevista de 1984;
- b) Identificar como ocorreu a manifestação pública dos professores em greve;
- c) Elencar elementos que demonstrem como as autoridades constituídas e os diversos setores da sociedade reagiram ao movimento grevista;
- d) Apreender as representações, pensamentos e sentimentos dos sujeitos sobre a greve que vivenciaram há mais de duas décadas.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ABORDAGENS HISTORIOGRÁFICAS USADAS NESTA PESQUISA

A terceira fase da *Nouvelle Histoire* caracterizou-se por uma série de mudanças que o grupo da *Escola dos Annales* sofreu em relação aos rumos tomados pela produção historiográfica até então adotada pelos profissionais que abraçaram a causa da Nova História⁵.

A partir do final dos anos 80 do século XX, uma reviravolta teórica fez ressurgir temas e abordagens abandonadas pela Nova História na sua proposição teórica inicial. Naquele momento uma virada de rumo se impôs à *Escola dos Annales*. Assim, os *Annales* passaram por uma releitura de seus projetos e começaram a colocar em destaque a crise que vinha atingindo as ciências sociais, sócios essenciais da *Nouvelle Histoire*, que agora não contavam mais “com grandes sistemas de interpretação da sociedade, como o marxismo, o estruturalismo, o funcionalismo, todos eles em crise”⁶.

Os novos tempos vividos pela *Escola dos Annales* farão retornar a narração, a biografia e o evento ao corpo central da produção historiográfica dessa escola histórica. E os pensadores dos *Annales* que apontam esse retorno demonstram a sua inevitabilidade e as características que cada um desses pontos assume na sua volta ao leito central do caudaloso rio da história.

O destacado historiador inglês Eric Hobsbawm assim se refere à volta da narração à produção da história, conforme os moldes da *Nouvelle Histoire*:

“[...] esse narrativo que retorna é inteiramente diferente do narrativo que foi expulso da história. A narração de hoje ocupa-se da vida, sentimentos, condutas, de pobres e desconhecidos e não de grandes e poderosos; [...] a narração não se interessa por uma pessoa, processo ou evento por eles mesmos, mas entra através deles na cultura

⁵ Acerca das fases da Escola da Nova História ver REIS, José Carlos, *Escola dos Annales, a inovação em História*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

⁶ REIS, Op. Cit., p.127).

e na sociedade. Assim [...], se é verdade que a história narrativa e biográfica retorna, é verdade também que ela é *outra*⁷.

No que diz respeito ao retorno da política como elemento central nos estudos da terceira geração da *Escola dos Annales*, Burke⁸ entende que Febvre e Braudel apesar de não terem ignorado a história política, não a levaram muito a sério. Assim, para Burke, o retorno à política na terceira geração constitui uma reação contra Braudel e as formas de determinismo, sobretudo o “economicismo” marxista.

Burke associa o retorno à política nos estudos da *Escola dos Annales* ao que os americanos chamam de “cultura política”, de idéias e mentalidades. Além disso, segundo esse autor, um destacado pensador francês, Michel Foucault, teve um papel importante nesse retorno da política. Nesse sentido Burke declara: “Graças a Foucault, esse retorno se estendeu em direção à “micropolítica”, a luta pelo poder no interior da família, da escola, das fábricas, etc. Em consequência dessas mudanças, a história política está em vias de uma renovação”⁹.

O retorno da política guarda uma relação intrínseca ao renascimento do interesse pela narrativa dos acontecimentos, dos eventos. Segundo Burke, debates acerca de história, história dos eventos e narrativa histórica estão estreitamente relacionados e interligados. Desta forma esse autor afirma:

A volta à política está também ligada ao ressurgimento do interesse na narrativa dos eventos. Os eventos nem sempre são políticos – pense-se na quebra da bolsa de 1929, a grande peste de 1348, ou mesmo na publicação de *Guerra e Paz*. De todo jeito, discussões sobre história política, história dos eventos e narrativa histórica estão muito interligadas¹⁰.

As duas primeiras gerações da *Escola dos Annales* herdaram um certo desdém face à história dos eventos, legado este deixado pelos conceitos e abordagens “Durkheiminianas” e “Braudelianas” que priorizavam o estudo das estruturas ao invés dos eventos.

Acerca do posicionamento adotado pelas duas primeiras gerações do grupo dos *Annales*, Burke enfatiza que importantes autores desses períodos da destacada Escola não

⁷ HOBBSAWM *apud* REIS, op. cit., p.136.

⁸ Ver BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*, 1991.

⁹ BURKE, Op.cit. p 103.

¹⁰ BURKE, op. cit. p. 104.

rejeitaram totalmente a história dos eventos. Para ele March Bloch, por exemplo, “jamais censurou a história dos eventos, mas, por outro lado, nunca escreveu história desse tipo”¹¹.

No tocante ao enfoque dado pelo Mestre Braudel, este dizia que a história dos eventos era a superfície da história. No entanto, o fundador dos *Annales*, conforme Burke, “Não disse que essa superfície fosse desinteressante; ao contrário, descreveu-a como a “mais excitante de todas”. Contudo, “para Braudel, os acontecimentos eram apenas espelhos que refletiam a história das estruturas”¹².

Na verdade, a visão adotada por Braudel depreende do fato que esse historiador prioriza a análise das estruturas, o estudo da história das estruturas ao invés da história dos acontecimentos, percebendo nestes apenas reflexos das estruturas. Para Braudel, seria mais interessante mergulhar e captar a essência das estruturas do que apenas observar o espelho dessas na superfície.

Descrevermos de forma resumida e objetiva a evolução das discussões no seio da *Escola dos Annales*, destacando conceitos, visões e abordagens teóricas da terceira geração dessa corrente, com o intuito de referendar a opção que fizemos pela abordagem teórica que embasa a nossa monografia.

Escolhemos dissertar sobre um evento, a greve dos professores da Escola Municipal Monsenhor Constantino Vieira, ocorrida em agosto de 1984, a primeira greve dos servidores municipais da cidade de Cajazeiras, tomando como fonte principal da nossa pesquisa a narrativa oral de lideranças daquela mobilização histórica.

Assim, entendemos que o nosso objeto de estudo apresentado neste trabalho circunscreve-se na opção acima destacada da terceira geração dos anais, que fez renascer, fez ressurgir o interesse pelo estudo de eventos. No nosso caso escolhemos um evento histórico dos movimentos sociais da cidade de Cajazeiras, a greve dos professores do Colégio Comercial, ocorrida em agosto de 1984, para ser analisada sob os holofotes da ciência histórica.

¹¹BURKE, op.cit. p.104 .

¹²BURKE, op.cit. p.104 .

Para tornar possível a narrativa do evento histórico que decidimos estudar, adotamos os métodos e técnicas da história oral. A seguir abordaremos de forma sucinta o conceito de história oral, destacando a sua origem e seu desenvolvimento no terreno da historiografia.

Conforme Meihy e Holanda, o conceito de história oral é assim definido: “História oral é uma prática de apreensão de narrativas feitas através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato”¹³.

Ainda segundo Meihy e Holanda, “História oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformadas em textos escritos”¹⁴.

Os dois parágrafos anteriores contêm um entendimento acerca da história oral e os métodos e técnicas presentes no desenvolvimento da abordagem da história oral no âmbito de uma pesquisa acadêmica.

A seguir descreveremos, de forma resumida, o desenvolvimento histórico da história a partir do seu surgimento. Dito de outra forma, abordaremos a história da história oral.

A história oral enquanto metodologia de trabalho historiográfico surgiu após a Segunda Guerra Mundial, na Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos da América, com o lançamento do primeiro projeto de história oral daquela universidade, que hoje possui um acervo de mais de seis mil fitas gravadas e mais de 600 mil páginas de transcrição, de acordo com as informações contidas na mais célebre obra de Thompson acerca desse tema¹⁵.

Thompson, em sua conhecidíssima obra acerca da história oral, faz de forma magistral uma descrição do desenvolvimento da história oral, iniciando com o seu surgimento até chegar a apresentação desta corrente metodológica na atualidade.

¹³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo, Editora Contexto, 2007, p. 18.

¹⁴ MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. Op. cit, p. 19.

¹⁵ CF. THOMPSON, Paul. **A VOZ DO PASSADO: história oral**. 2ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

Para Thompson, o uso da expressão “história oral” é algo novo, tal qual o gravador. Mas, ainda segundo este eminente pensador, “a história oral é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a primeira espécie de história”¹⁶.

Podemos afirmar que desde a criação da linguagem que o homem passou a narrar a história através dos relatos orais que transmitiam as tradições e os conhecimentos adquiridos pelos homens. Assim, ao analisar a tradição oral nas sociedades pré-letradas, Thompson constata que “Nesse estágio, toda a história era história oral. Tudo mais, porém, tinha que ser lembrado: destrezas e habilidades, o tempo e a estação, o céu, o território, a lei, as falas, as transações, as negociações”¹⁷.

Mesmo depois da invenção da escrita, a história oral continuou sendo fundamental para a composição literária da história. Para exemplificar essa afirmação, podemos nos reportar ao comentário de Thompson acerca dos primeiros textos históricos escritos da Europa ocidental datando de três mil anos atrás. De acordo com Thompson, esses textos “(...) fixavam a tradição oral existente sobre o passado distante e, gradualmente, passaram também a registrar as crônicas do presente”¹⁸.

Ainda segundo Thompson, aquele que é apontado como o pai da história como ciência, o grego Heródoto usava testemunhos orais para escrever as suas narrativas históricas. Falando do trabalho e metodologia adotado pelo historiador grego, Thompson diz: “O método de Heródoto, por exemplo, no século V a.C., era procurar testemunhas oculares e interrogá-las rigorosa e minuciosamente”¹⁹.

Se a história oral marca o surgimento da história enquanto ciência, a sua presença mantém-se no desenvolvimento do percurso desta ciência humana e todo este trajeto é acompanhado pelo respeitável historiador Paul Thompson, de forma exaustiva, em sua obra “A voz do passado: história oral”, desde o nascimento da história até o destaque adquirido pela história oral na atualidade.

¹⁶ THOMPSON, op. Cit., p. 45.

¹⁷ THOMPSON, op. Cit., p. 46.

¹⁸ THOMPSON, op. Cit., p. 51.

¹⁹ THOMPSON, op. Cit., p. 52.

Devemos registrar que no século passado a história oral ganhou impulso após a Segunda Guerra Mundial, em razão da necessidade de se estudar as experiências vividas por ex-combatentes, familiares e vítimas da guerra, experiências estas baseadas nos relatos orais, registrados com o auxílio dos avanços tecnológicos, dentre os quais o gravador. Segundo Meihy, naquele momento “(...) a história oral combinou três funções complementares: registrar relatos, divulgar experiências relevantes e estabelecer vínculos com o imediato urbano, promovendo assim um incentivo à história local e imediata”²⁰.

Paul Thompson, em sua referendada obra acerca da história oral, citada anteriormente, mais precisamente no capítulo intitulado “A contribuição da história oral”, traça um perfil descritivo do desenvolvimento da história oral nas últimas décadas em diversos países como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França, Espanha, Itália e outros, abordando temas como a história da classe operária, a história econômica, as tradições das famílias, a religião popular, o estudo das comunidades, a história urbana, a história das mulheres, a história dos imigrantes, a história das minorias e dos marginalizados, etc ²¹.

No caso do Brasil, cabe remarcar que em 25 de junho de 1973, foi criado o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), que tinha por objetivo entender a história do nosso país através dos relatos orais. Assim, podemos perceber que a história oral no Brasil teve sua incorporação ao mundo acadêmico associada ao processo de redemocratização.

Enfim, destacamos que existem três gêneros de história oral, conforme sugerem Meihy e Holanda, os quais são a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral²².

A história oral de vida constitui-se numa biografia ou relato biográfico, que traz consigo o peso subjetivo da narração dos sujeitos estudados. Segundo Meihy e Holanda, “(...) a história oral de vida se espraia nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções”²³.

²⁰ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998, p. 22.

²¹ CF. THOMPSON, op. Cit..

²² MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. Op. cit, p. 33.

²³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. Op. cit, p. 34.

No que diz respeito ao gênero da história oral temática, esta possui um foco central, um tema justificando a entrevista realizada e este tema conduz a uma maior objetividade na narração registrada. Um elemento que caracteriza o gênero da história oral temática é a presença de um questionário que acompanha o registro dos testemunhos orais objetos da pesquisa. Assim, conforme Meihy e Holanda, enquanto na história oral de vida trabalha-se com entrevistas livres, “em história oral temática, o que deve presidir são os questionários, que precisam estabelecer critérios de abordagens de temas”²⁴.

O terceiro gênero de história oral trata-se da tradição oral que não se restringe apenas a entrevistas e trabalha com o propósito do reconhecimento do outro em suas condições mais diversificadas, através da observação *in loco* e da convivência direta com o sujeito e a comunidade pesquisada. De acordo com Meihy e Holanda, a tradição oral é “parente da etnografia, (...) implica minuciosa descrição do cotidiano e de suas inversões. A complexidade da tradição oral reside no reconhecimento do outro nos detalhes auto-explicativos de sua cultura”²⁵.

Apontamos os três tipos de história oral, acima descritos, para demonstrar que o trabalho que ora apresentamos se enquadra no gênero da história oral temática, posto que a pesquisa realizada tem um tema central, a primeira greve dos professores municipais da cidade de Cajazeiras narrada através do discurso dos sujeitos que participaram daquele acontecimento histórico, e este discurso dos protagonistas do evento estudado, foi registrado seguindo um questionário aplicado nas entrevistas feitas.

²⁴ MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. Op. cit, p. 35.

²⁵ MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. Op. cit, p. 40.

METODOLOGIA

A opção metodológica de trabalhar com os instrumentos conceituais e técnicos da história oral se deve ao fato de que esta escolha referenda-se na sintonia entre os pressupostos metodológicos da História Oral e os assuntos e temas centrais abordados em nossa monografia, tais como: memória, identidade, comunidade e história local.

A escolha pelos procedimentos da história oral adotados na elaboração da presente monografia foi encarada como um desafio a mais no nosso trabalho, posto que, anteriormente, jamais havíamos empregado a história oral para confecção de um texto historiográfico.

Para atingirmos os objetivos formulados para esta monografia, decidimos pela análise do discurso dos grevistas, obtido através de entrevistas semi-estruturadas, que nos foram concedidas por 04 dos sujeitos que estiveram a frente do evento histórico enfocado pela nossa pesquisa. Tais discursos se tornaram a matéria prima para a elaboração desse trabalho.

Todas as citações referentes aos personagens que participaram diretamente da mobilização grevista em estudo, resultaram de testemunhos orais que foram registrados em fitas cassete. Ou seja, a pesquisa ora apresentada trata-se de um trabalho que utiliza as fontes orais. Contudo, não nos restringimos apenas às fontes orais. Documentos históricos outros, também nos serviram como fonte de pesquisa, no caso o panfleto distribuído pelos grevistas no dia 22 de agosto de 1984, a foto da manifestação realizada nesta mesma data e a ata da reunião de criação da ASPEC.

No que diz respeito a como se deu a coleta de dados para a nossa pesquisa, ou seja, como ocorreram as entrevistas, como elas foram conduzidas, em que local foram realizadas, o clima reinante no momento da entrevista, a participação de outras pessoas na entrevista, o roteiro de perguntas empregadas, todos esses aspectos comentaremos nos parágrafos a seguir, objetivando demonstrar a qualidade do material coletado através das entrevistas.

Lembramos que Thompson, em sua comentada obra *A voz do passado: história oral*²⁶, escreveu um capítulo em que trata especificamente da maneira como deve ocorrer as entrevistas na pesquisa da história oral, indicando os mínimos detalhes a serem seguidos pelo pesquisador no momento da coleta de dados, realizada através dessas entrevistas.

Procuramos seguir as orientações de Thompson no transcorrer do nosso trabalho de coleta de dados. Assim, a primeira coisa a destacar é que fizemos um roteiro de perguntas a serem aplicadas, tratando de temas como o início da greve, a organização de um comando de greve, o tempo de duração do movimento paredista, a repercussão daquela mobilização junto à sociedade cajazeirense, a contribuição de outros setores, os atos públicos realizados pelo movimento, documentos escritos pelos grevistas, a participação dos grevistas no desfile cívico do dia da cidade em 22 de agosto de 1984, a repressão contra os professores.

O segundo aspecto a ser descrito no que tange à realização das entrevistas, refere-se ao local da realização das mesmas. Thompson em sua citada obra recomenda que a entrevista “Deve ser em um lugar em que o informante se sinta à vontade. Em geral, o melhor lugar será sua casa própria casa”²⁷.

No tocante ao local escolhido para as entrevistas da nossa pesquisa, informamos que a maioria delas ocorreu na própria casa do entrevistado. Na realidade apenas a entrevista com o professor Anchieta não foi realizada na residência deste, e sim nas dependências do edifício da Prefeitura Municipal de Cajazeiras. É pertinente destacar que, na época em que o professor Anchieta prestou a sua entrevista, o mesmo ocupava o cargo de Secretário Municipal de Comunicação da cidade de Cajazeiras. Quanto às outras entrevistas, estas foram realizadas nas residências dos professores abordados pela nossa pesquisa.

Queremos evidenciar que as entrevistas contaram com a privacidade proporcionada pelo local onde ocorreram, quando estivemos sozinho com cada um dos informantes, e estas entrevistas transcorreram sem interrupções por parte de terceiros e sem ruídos que perturbassem, tudo conforme orienta Thompson, em sua obra anteriormente citada.

²⁶ THOMPSON, op. Cit.

²⁷ THOMPSON, op. Cit. p. 265.

Com relação às datas de realização das entrevistas, informamos que o professor Raimundo Nonato de Almeida Crispim nos prestou a sua entrevista em 05 de maio de 2010, o professor José Anchieta César de Lima nos concedeu a sua entrevista em 25 de maio de 2010, a professora Consueira Ferreira da Silva, por sua vez, nos concedeu a sua entrevista em 07 de junho de 2010 e a professora Maria Aparecida Araújo de Azevedo prestou a sua entrevista em 13 de março de 2011.

O tempo de duração de cada entrevista foi em torno de uma hora, contando apenas o tempo da narração registrada, sem somar a esse tempo a conversa que antecedeu cada depoimento. As entrevistas foram registradas em fitas cassetes com o uso de um microgravador. Após o registro, todas foram transcritas na íntegra.

Após a realização das entrevistas adotamos a técnica de pesquisa da análise de conteúdo para o estudo de forma sistemática e objetiva dos conteúdos manifestos nos discursos dos grevistas.

É pertinente aqui destacar o conceito de análise de conteúdo expresso por Richardson, que assim declara:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens²⁸.

Informamos que inicialmente fizemos uma leitura prévia das entrevistas registradas, após realizamos uma leitura detalhada do material coletado e em seguida concluímos com uma leitura analítica de todo este material. Estes passos empreendidos obedecem às fases da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (Apud RICHARDSON, op. cit), o qual afirma que as fases da análise de conteúdo organizam-se em pré-análise, análise do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação²⁹.

O processamento da análise dos discursos dos entrevistados foi feito com a utilização de uma grelha, onde colocamos os trechos das entrevistas destacados de acordo com os seguintes temas: tempo de duração da greve, composição do comando de greve,

²⁸ RICHARDSON, Roberto Jarry. *Et all* colaboradores. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo, Editora Atlas, 1985, p. 176.

²⁹ BARDIN, Laurence, Apud RICHARDSON.

posicionamento de outros setores da sociedade cajazeirense em relação ao movimento grevista, realização de atos públicos e impressão de panfletos da greve e medidas repressivas adotadas contra a mobilização dos professores.

Por fim, deixamos aqui registrado que todas as pessoas entrevistadas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, o que nos permitiu colocar os seus verdadeiros nomes, de forma explícita, na composição deste trabalho.

Por fim, deixamos claro que ao optarmos pela metodologia da história oral pretendemos dar voz aos sujeitos acerca do fenômeno histórico pesquisado e expor os seus discursos a uma discussão acadêmica visando uma disponibilização para estudos acerca da organização dos professores municipais.

O DISCURSO DOS PROFESSORES GREVISTAS: Memórias e Esquecimentos.

Ao iniciarmos esta parte de nosso trabalho ressaltamos que na análise dos discursos dos professores entrevistados nos deparamos reiteradas vezes com pontos de esquecimento expressos pelos sujeitos em suas declarações. Esses esquecimentos estão manifestos em diversas expressões como “eu não lembro”, “eu não me recordo”, “não, não me lembro”, “não lembro bem”, “não dá prá lembrar”, “eu não tenho lembrança”, “não sei precisar”, que aparecem nos discursos dos entrevistados.

Num trabalho que aborda a memória é importante ressaltar a importância da linguagem para a compreensão deste fenômeno. Acerca disto, vejamos o que fala a autora da obra *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*, Ecléa Bosi:

O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. (...) As convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável e mais estável da memória coletiva³⁰.

Este instrumento que socializa a memória dos professores abordados, a linguagem, o discurso destes revela que lembranças e esquecimentos caminham lado a lado, e percorrem toda a narrativa elaborada por estes sujeitos.

Ao nos debruçarmos sobre os discursos dos professores grevistas do Colégio Comercial, a primeira constatação a ser destacada é a incerteza acerca de pontos primordiais do evento paredista, foco da nossa investigação, tais como: o marco inicial da greve, o dia de seu início, o tempo de duração da paralisação, a formação do comando de greve que dirigiu as atividades de mobilização dos professores.

No tocante à duração da greve, o professor Crispim ao responder sobre o período de duração do movimento, afirmou: “Não sei precisar de quantos dias ou meses durou, não. Não sei dizer. Faz muito tempo. Não dá pra lembrar, não”.

³⁰ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 14^a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 56.

De acordo com esta afirmativa, a greve poderia até ter durado meses. Mas, o que é ressaltado pelo entrevistado, é a falta de lembrança sobre esta questão.

Por sua vez, a professora Aparecida, respondendo sobre quanto tempo tinha durado a greve, diz: “Aproximadamente um mês. Não sei exato quantos dias, mas foi aproximadamente um mês, que pode ter sido mais de um mês um pouquinho, ou menos de um mês um pouquinho. Não lembro quantos dias exatos.”

Já o professor Anchieta, falando acerca do período de duração do movimento grevista, é taxativo ao informar: “Não, não lembro bem. Mas eu acho que nós tivemos aí cerca de quinze dias de greve. (...) eu lembro que foi mais ou menos duas semanas de mobilização. Acho que não chegou a ser mais do que isso, não.”

Não conseguimos precisar com exatidão quanto tempo durou a greve dos professores do Colégio Comercial. Mas, chama a atenção o desencontro sobre esse aspecto daquele movimento, expresso pelos seus participantes. Contudo, podemos confiar na informação de uma das principais lideranças grevista, dando conta de que a mobilização teria durado cerca de quinze dias.

Se o tempo de duração da greve não pode ser precisado com exatidão, também o dia de seu início não pode ser estabelecido com igual presteza. Já com relação a como se iniciou a organização dos professores para a deflagração do movimento paredista, o professor Crispim ao ser indagado como o movimento nasceu, assim afirmou:

Olha, eu, eu tenho impressão que na época a gente cogitou com Anchieta, eu lembro-me que Anchieta também trabalhava no colégio, ensinava lá, parece-me que mecanografia, se não me engano, entendeu? Aí a gente começou a se reunir e começou a se formar outras pessoas de fora, partidárias, aquela coisa toda. O PT apareceu para nos apoiar na época. (...) Mas eu creio que teve esse sistema. Eu acho que por si só, a articulação pode ter nascido dentro do colégio, entendeu? A articulação nasceu dentro do colégio, o anseio, o desejo, a vontade. Mas houve uma força externa que impulsionou os professores a praticarem o ato de greve, entendeu? Alguma força externa deu um subsídio, uma base, deu um apoio logístico prá que os professores se articulassem e fizessem a greve. Eu não creio que por si só, na época tinham essa capacidade de deflagrar a greve.

Esse discurso do professor Crispim revela toda a cadeia de elementos presentes na conjuntura histórica da época, que contribuíram para a deflagração do movimento paredista. É verdade, uma força impulsionou os servidores do colégio comercial a lutarem pelos seus

direitos. Uma força que veio da experiência vivida pelos diversos movimentos grevistas do início dos anos oitenta do século passado, uma força que veio dos professores e dos estudantes da universidade, do V Campus da UFPB. Uma força que veio dos professores do estado da Paraíba que já tinham exercitado o seu direito de greve³¹.

Sobre os primeiros passos da mobilização, o professor Anchieta nos dá a seguinte informação:

A gente começou a se reunir e discutir saídas para essa situação e o país vivia já uma onda de greves, a gente viu que era necessário essa mobilização, que era preciso se mobilizar, se organizar prá reivindicar os nossos direitos e aí a gente começou a se reunir, esse grupo, e começou também a discutir com o conjunto dos professores, começamos a discutir também em sala de aulas, nas salas de aulas tentando buscar apoio do alunado, a gente conseguiu isso, os alunos ficaram ao nosso lado, ficaram a nosso favor (...).

Sobre a própria organização da mobilização, quem fazia parte do comando de greve, por exemplo, os entrevistados revelam um certo desencontro e uma espécie de esquecimento a respeito dos nomes das pessoas que eram responsáveis pela direção da greve em estudo. O professor Crispim, uma das lideranças do movimento, ao responder a pergunta sobre quem fazia parte do comando de greve, comenta sobre a participação de várias pessoas em reuniões do comando, mas que não eram professores do Colégio Comercial. Assim ele responde a indagação sobre o comando grevista:

Eu lembro-me bem que apareceu na época, inclusive eu lembro de uma reunião que houve na casa onde eu morei, que era a casa de Zé Gorete, se não me engano. Na época tinha Zé Gorete, nos apoiando, tinha Zé Maria, tinha Joaquim Alencar, Anchieta também tava, Anchieta, Acho que Você Também. Tinha mais pessoas, inclusive, se eu não me engano, a esposa de Chico Araújo, se eu não me engano. Não tou bem lembrado. Tinha duas ou três mulheres pelo meio. Não Lembro quais. Mas houve uma reunião à noite na casa de Zé Gorete, por trás da catedral, prá decidir um, o movimento grevista. Inclusive, quem tava no comando nessa época era Joaquim Alencar, que fazia essa mediação, entre o nosso comando de greve e o prefeito na época.

³¹Ver a importante obra de VIEIRA, Agamenon, *CAMINHOS DA CONSTRUÇÃO (Movimento sindical e organização dos trabalhadores na Paraíba)*. João Pessoa-PB, Colina da Primavera Editora, 1986, acerca das primeiras greves dos professores do Estado da Paraíba no final da década de setenta e nos anos oitenta do século passado e sobre a organização dos demais segmentos dos trabalhadores da Paraíba. Queremos registrar que nessa obra, ao autor escreveu um capítulo sobre as greves de professores municipais no Estado da Paraíba, que ocorreram naquele período. No entanto, o autor em questão não registrou na citada obra, qualquer referência à greve dos professores do município de Cajazeiras realizada em 1984.

A fala do professor Crispim revela a existência do comando, e expõe um *modus operandi* deste comando, com reuniões em casa de apoiadores do movimento e participação de pessoas que não eram efetivamente professores municipais. Ao ser indagado mais uma vez sobre os nomes dos professores do colégio que participavam do comando, este assim respondeu:

Dos professores de lá eu acho que, dizer mesmo, eu lembro bem que o Anchieta era uma pessoa muito engajada. Eu acho que ele era um dos enfrentantes, se não o principal. Não tenho outra pessoa para dizer assim que era esse. Mas eu aponto Anchieta como principal, o articulador dessa greve na época, a nível de professor.

A professora Aparecida Azevedo, por sua vez, respondendo a pergunta sobre quem fazia parte do comando de greve, tece o seguinte comentário:

Não tinha assim um comando, dizer assim fulano é comando de greve. Não. Foi encabeçada a greve com a insatisfação dos professores e estava à frente, sempre nas negociações o professor Risomar, Fred, Francisco das Neves, já estava nesse momento, já era professor do município, parece, era não? Eu sei bem que Fred, Risomar, Josué, Consueira, Anchieta, que é jornalista. Era a insatisfação dos professores e estava com eles e a gente ficava no apoio, engrossando o movimento.

Dos professores citados pela entrevistada, dois efetivamente não fizeram parte daquela greve, posto que não ensinavam ainda no Colégio Comercial em 1984. Trata-se do professor Francisco das Neves e do Professor Fred (Frederico Engels Coelho) que foram procurados para se reportarem sobre o assunto e afirmaram não terem participado daquele movimento partidista.

Até certo ponto é compreensível a colocação de nomes de pessoas que não fizeram a greve do Colégio Comercial em 1984, posto que em ano posterior a 1984, os professores daquele estabelecimento de ensino chegaram a realizar outra greve com novas pessoas participando da mobilização.

Vale lembrar, neste momento que apontamos desencontros entre as informações prestadas pelos entrevistados, a observação feita por Thompson indicando que é preciso "(...) reconhecer as falhas de memória entre eventos semelhantes em momentos diversos – como as duas eleições gerais de 1910, ou as greves de 1922 e 1926"³².

³² THOMPSON, Op. cit., p. 255. Os dois eventos citados pelo autor dizem respeito a história da Inglaterra.

Por outro lado, não recordar com precisão dos nomes das pessoas que comandaram a greve denota uma contradição com a convicção de que aquela mobilização constituiu um importante momento histórico para os atores daquele evento, expressa nos discursos de todos os entrevistados.

Acerca da contribuição de outros segmentos da sociedade cajazeirense para o desenvolvimento do movimento grevista e o posicionamento destes setores face à greve em estudo, lembramos que na época foi criada uma rede de apoio aos grevistas do Colégio Comercial composta por professores e alunos do Campus V da UFPB, além de professores da rede estadual de ensino. O grupo de pessoas que fazia parte dessa rede de apoio aos grevistas passou a se reunir nas residências de alguns professores da UFPB para avaliarem, juntamente com o comando daquela greve, os desdobramentos dos acontecimentos referentes à mobilização.

A existência dessa rede de apoio está expressa no discurso dos grevistas acerca do posicionamento de outros setores da sociedade cajazeirense em relação à mobilização dos professores do Colégio Comercial. Com relação a esta rede de apoio podemos fazer apelo a um documento histórico bastante importante daquela greve, uma fotografia feita no dia 22 de agosto de 1984 (apresentada à página 33), registrando a manifestação realizada pelos professores, naquela data, que culminou com um ato público utilizando o palanque oficial erguido para acolher as autoridades presentes ao desfile cívico daquele dia. Terminado o desfile cívico oficial, os professores fizeram a sua caminhada pela avenida Padre Rolim, e suas lideranças e entidades de apoio subiram no palanque para discursarem, expondo as reivindicações dos profissionais em greve e exigindo respostas às autoridades competentes.

Na foto abaixo exposta, podemos ver o Professor da UFPB Edilson Amorim, que naquela época era o presidente da ASPEC, discursando em solidariedade aos professores municipais em greve. Do lado direito do professor Edilson Amorim vemos o Professor Anchieta de camisa azul. Também identificamos na foto a professora da UFPB Marilene Vigolvino, no canto esquerdo do palanque, de blusa rosa e com papeis em suas mãos. Embaixo do palanque, no lado esquerdo, podemos notar a atriz cajazeirense Marcélia Cartaxo, de perfil, e a professora Sheva Maia que naquele período era do quadro docente da UFPB.

Outras pessoas estão no balcão portando faixas e cartazes com dizeres referentes às reivindicações dos professores grevistas. No canto direito vemos o carro de som contratado pelos professores. Na verdade, o proprietário daquele carro de som foi o único da cidade que aceitou locar o seu equipamento para os professores realizarem a manifestação programada para o dia da cidade.



Em relação ao apoio de setores da sociedade cajazeirense ao movimento grevista dos professores municipais, o professor Anchieta tem uma visão clara acerca dessa questão ao dizer:

(...) a gente na época não tinha sindicato, não era sindicalizado, a gente teve um apoio muito importante da ASPEC, Associação dos Professores de Cajazeiras, que englobava os professores da Universidade Federal, do estado e do município, apesar da entidade ser composta, a sua diretoria, apenas por professores da Universidade, mas foi muito importante, deu um apoio muito importante a gente, e a gente com esse apoio conseguiu sensibilizar toda a categoria e iniciar esse movimento.

O professor Anchieta também recorda da participação dos professores da rede estadual no apoio a mobilização dos educadores em greve. Assim ele se referiu a contribuição dos professores estaduais: “(...)tínhamos também a AMPEP, a Associação do Magistério do Estado da Paraíba que congregava os professores da rede estadual, foi uma entidade que também participou, nos ajudou muito na época”.

Por fim, o professor Anchieta fala da sua participação no movimento estudantil que teria servido como elemento de ligação para envolver os seguimentos da universidade no grupo de apoio à greve do magistério da Escola Municipal Constantino Vieira. Desta forma ele afirma:

Eu fazia parte da diretoria do Diretório Acadêmico, depois fui presidente, isso também contribuiu pra gente envolver a universidade, a ASPEC, os professores, alguns alunos também participaram juntamente com a gente desse movimento, que a gente tinha pouca experiência.

A professora Consueira, por sua vez, ao falar sobre as suas lembranças iniciais da greve, esboça o sentido da contribuição dos fatores externos que impulsionaram os educadores do Colégio Comercial a paralisar suas atividades. Declara a professora:

Assim, que embora a gente não tivesse muita experiência em greve, mas, no tempo era o que mais se visava. Buscar os direitos, recorrer a melhores salários, lutar por um salário mais digno. A gente não tinha a coragem, mas olhávamos para os movimentos de outras entidades e eles nos fortaleciam também.

O exemplo de greves dos vários segmentos que lutavam por melhorias salariais estimularam os professores municipais a tomarem o caminho da organização e da luta pelos seus direitos. Esse estímulo está bastante evidenciado na fala da professora Consueira.

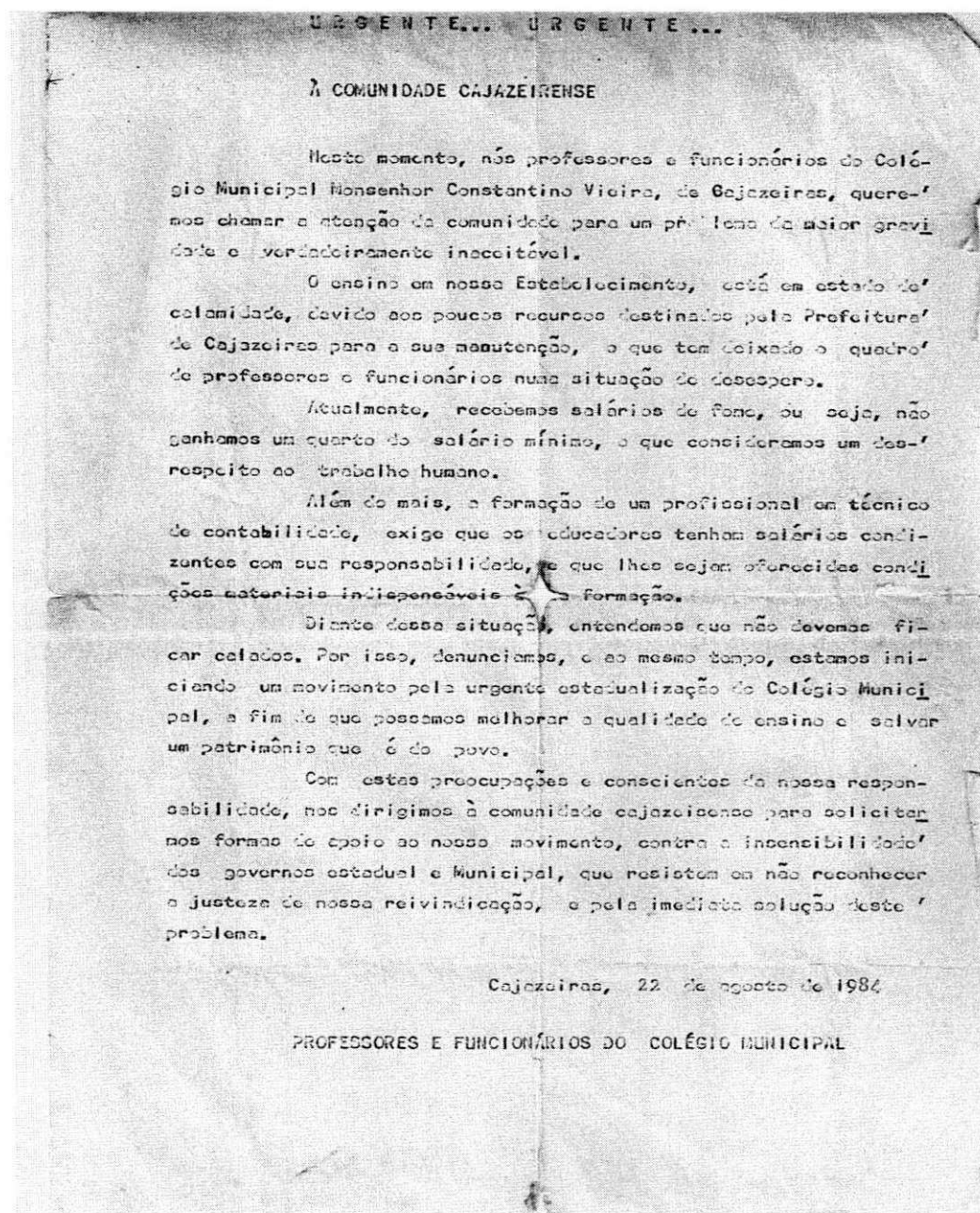
Já a professora Aparecida, comentando a contribuição de outros seguimentos da sociedade cajazeirense à mobilização dos educadores do Colégio Comercial, diz textualmente:

Eu lembro bem que foi solicitado o apoio de outros setores, inclusive a UFCG, que na época era UFPB, né? Os professores davam o maior apoio a gente, como Marilene, Osmar, Apolinário, parece que já Zé Maria, também, dava assim um suporte de conquista, sei lá, um apoio moral e tudo. E também a gente foi buscar o apoio das autoridades religiosas, foi buscado o apoio da sociedade, inclusive os pais entenderam, os pais dos alunos entenderam o movimento e não mandaram os filhos pra escola. Porque o nosso movimento, na época, foi assim, a sociedade recebeu, foi o primeiro, então foi uma coisa que deixou quase que todo mundo assim admirado, como era que ia desencadear.

Outros aspectos importantes da mobilização que ora estudamos parecem ameaçados de serem degradados, sendo arquivado no plano do esquecimento. A mais importante manifestação pública dos grevistas, aquela que ganhou maior repercussão, chegando a deixar dois importantes documentos históricos acerca daquele evento (uma foto da manifestação realizada pelos professores após o desfile cívico do dia 22 de agosto de

1984, Apresentada à página 33, e um panfleto escrito pelos grevistas e distribuído para a população naquela mesma data, a seguir reproduzido) não é recordada em detalhes pelos protagonistas do referido acontecimento.

Vejam abaixo a reprodução da cópia do panfleto distribuído pelos professores:



Para comprovarmos a afirmação acima exposta, podemos fazer apelo a resposta dada pela professora Aparecida Azevedo ao ser indagada se lembrava que no dia da cidade, dia vinte e dois de agosto de mil novecentos e oitenta e quatro, ocorreu uma mobilização por parte dos professores. A forma lacônica expressada pela entrevistada demonstra que o esquecimento ronda a memória dos participantes da importante greve dos professores de Cajazeiras. Se não, vejamos as palavras da professora: “Eu não tenho lembrança disso! Não

tenho lembrança. Não tenho lembrança também se a escola desfilou, não tenho lembrança do que houve no dia vinte e dois de agosto de oitenta e quatro. Não vou botar A nem B, porque eu não tenho lembrança”.

Acerca da produção e distribuição de um panfleto por parte dos grevistas, a existência do mesmo era praticamente desconhecida dos entrevistados até terem em suas mãos a cópia do panfleto na hora da entrevista. Surpresa e até um certo encantamento com o importante documento histórico que lhes foi apresentado, é o que se percebe nas palavras dos entrevistados.

Vejamos na própria voz dos sujeitos em estudo a surpresa face ao panfleto esquecido. O professor Anchieta ao ser questionado se lembrava da confecção do documento dos grevistas, aonde ele teria sido rodado, assim falou:

Não, lembro não. Lembro que no Comercial não foi não, porque a gente não tinha mimeógrafo lá, né? Um a coisa ainda manual, feita de forma amadora. Mas, muito histórico. Você ter essa cópia aqui, eu acho muito interessante essa cópia e esse panfleto esclarecia muito a greve. Foi distribuído, foi uma espécie de carta aberta à comunidade de Cajazeiras, explicando as razões da greve, o motivo da nossa paralisação, da nossa mobilização. E eu acho que esse panfleto chegou a uma boa parte, a uma boa parcela da comunidade cajazeirense. Foi uma forma da gente explicar os reais motivos da greve.

Já o professor Crispim, ao ser indagado se lembrava de algum documento escrito para a comunidade falando da greve, demonstra desconhecer tal fato. A respeito dessa questão o professor afirmou: “Não. Eu lembro que, se eu não me engano, a gente fez algumas entrevistas de rádios, aquela coisa toda, acho que até faixa foi feita, da greve. Não sei se panfletagem. Mas um documento escrito, não lembro, na época”.

Também a professora Consueira demonstrou desconhecer completamente a confecção do panfleto. Ao ser questionada sobre o documento dos professores grevistas, distribuído no dia 22 de agosto de 1984, durante a realização do desfile cívico comemorando o dia da cidade, assim respondeu: “Não, eu não me lembro. Eu só me lembro que houve assim, de não deixar que a gente passasse também lá onde estava o palanque. Houve muita proibição, assim, que a gente não tivesse lá no meio nesse momento”.

No que diz respeito sobre as lembranças acerca de medidas repressivas adotadas contra a mobilização dos professores, os discursos analisados revelam as práticas repressivas utilizadas pelo poder municipal. Contudo, a lembrança sobre a repressão é manifestada de forma diferenciada pelos sujeitos indagados, denotando uma certa discrepância das informações prestadas pelos entrevistados.

O professor Anchieta, comentando sobre a repressão que se abateu sobre os professores grevistas, assim se pronunciou:

(...)Não dá prá lembrar muito, mas eu acho que durante alguns atos públicos que nós realizamos houve ameaças aí de algumas pessoas, de agressões, de violência, casos isolados, né? (...)Olha eu lembro bem que uma professora foi demitida, a professora Consueira. Não lembro mais de algumas perseguições. Deve ter havido algumas perseguições dentro do colégio. Faz muito tempo, é difícil você lembrar todos esses detalhes, mas o que marcou mesmo foi a saída da professora Consueira.

O professor Anchieta, em sua fala, recorda as ameaças de agressões contra os grevistas, quando diz, “durante alguns atos públicos que nós realizamos houve ameaças aí de algumas pessoas, de agressões, de violência, casos isolados, né?” No entanto, parece minimizar este aspecto da violência exercida contra a categoria mobilizada, ao declarar que trataram-se de casos isolados.

O que justificaria esse discurso do professor Anchieta? Na realidade, não poderíamos deixar de remarcar que, o outrora professor grevista exerce, desde janeiro de 2009, o cargo de secretário municipal na administração de Cajazeiras, e que inclusive o atual prefeito desta cidade, foi eleito com apoio expresso do ex-prefeito Epitácio Leite, que ocupava o cargo do Executivo municipal no ano de 1984, período da greve enfocada pela nossa pesquisa.

É provável que a função ora exercida pelo entrevistado tenha pesado sobre as declarações prestadas.

Ao ser indagado sobre a repressão contra a mobilização, o professor Crispim afirmou:

(...)Eu só lembro uma noite, lá no Colégio Comercial, eles vieram mesmo pra botar pra rachar na gente. (...)Inclusive tinha gente até armado. Me disseram que tinha gente até armado. E isso eu nunca esqueci. Entendeu? Até com arma.(...) Eu sei que houve uma repercussão muito grande na cidade, entendeu, da repressão que os professores tiveram na época. Repercutiu na mídia, na sociedade, entendeu. Foi até repudiada. Eu lembro-me na época, comentou-se muito da força que tava sendo empregada contra os professores.(...) -Não lembro se alguém foi demitido na época,

não lembro, não tenho lembrança. Se alguma pessoa foi demitida não lembro. Faz muito tempo. Oitenta e quatro, faz vinte e seis anos. É muito tempo.

Na fala do professor Crispim, vemos que o fato de ter sido usada uma “tropa de choque” para ameaçar os professores é bem destacada. Esse professor, inclusive, comenta a repercussão que esse acontecimento teve. Por outro lado ele não lembra se algum professor chegou a ser demitido em virtude da participação na greve. Entretanto, a lembrança da violência praticada contra os educadores está nitidamente presente na sua memória, como algo que não pode ser facilmente esquecido.

Aquela que foi a escolhida para receber a maior punição por parte da administração, a professora Consueira, faz a seguinte declaração com respeito à violência e repressão adotadas contra os professores:

Não, eu não me recordo. Mas eu me recordo que no momento em que a gente queria passar no desfile com as faixas, tinha pessoas, que eu não sei quem, que nos empurrava pra que a gente não passasse. Mas se houve um momento lá dentro do colégio às escondidas, isso aí eu não sei. Não lembro nada disso (...). O que eu me lembro é que não houve assim... Eu só sei que eu fui demitida. (...)No momento eu não estou me lembrando. Mas (...) eu recebi minha carta de demissão.

O discurso da professora acerca da repressão, evidentemente realça o que aconteceu com ela, que foi posta para fora do quadro de docentes, recebendo a punição de não poder mais contar com o salário da função que exercia. As suas lembranças sobre a violência contra os professores não são precisas, apesar de recordar que “(...) no momento em que a gente queria passar no desfile com as faixas, tinha pessoas, que eu não sei quem, que nos empurrava pra que a gente não passasse”.

Já na primeira resposta da entrevista concedida, quando indagada sobre que lembranças ela tinha do movimento grevista de 1984, a professora Consueira se refere à punição que foi dirigida a mesma, ao declarar:

(...) na época, eu gostava muito de greve. Até que ajudei na utilização de carro de som. A gente se utilizou de tudo, de todos os meios pra divulgar a greve. E fui uma das pessoas assim que estive junto com o comando de greve, e até que veio a repressão, veio a demissão. Hoje eu não...assim. Já passou, né? Até perdoei, né? Não adianta mais ficar remoendo, mas a verdade é essa: fui demitida, fiquei desempregada muito tempo, desempregada! Não tô colocando aqui nenhuma lamentação, apenas dizendo a verdade, confirmando o que é verdade.

Ao observarmos a fala da professora, vemos que ela começa falando da sua participação em atividades da greve, nos meios usados para divulgação do movimento, na sua participação junto ao comando de greve, tudo relatado num tom positivo, que então é substituído imediatamente por um enfoque negativo, realçando o caráter da dura repressão que se abateu sobre a mesma.

Ainda que a professora acima citada diga textualmente que perdoou, que “não adianta mais ficar remoendo”, podemos perceber que suas palavras seguintes revelam um forte ressentimento. Senão, vejamos as suas palavras: “mas a verdade é essa: fui demitida, fiquei desempregada muito tempo, desempregada! Não tô colocando aqui nenhuma lamentação, apenas dizendo a verdade, confirmando o que é verdade”.

A dificuldade da professora Consueira em suas recordações acerca da violência e repressão adotadas contra os grevistas pode ser compreendida como uma forma de afastar da sua memória os difíceis momentos vividos por ela durante a experiência daquele movimento grevista, cujas conseqüências para a sua vida foram efetivamente cruéis.

Por seu turno, a professora Aparecida faz a seguinte afirmação sobre as medidas repressivas contra os professores:

(...) chegou uma turma, uns homens, que eu não sei nem quem são, chegou e ficou fazendo pressão sobre o quadro de professores, sobre os professores que normalmente se encontravam na escola, onde teve deles que chegou até a sacar a arma. Mas, não houve, é, como os professores tem o gabarito da conversa, do dialogo, não houve coisas piores. Mas chegaram a sacar armas, a intimidar, né. Houve a agres... houve repressão nesse sentido. Depois houve solicitações de que o colega A, o colega B, tinha que ser demitido, e houve algumas demissões na época.

A professora em sua fala revela a pressão da “tropa de choque” sobre os professores, e também informa sobre a adoção de demissões como punição à categoria que ousara se rebelar e deflagrar uma greve, apesar de não mencionar os nomes daqueles que foram demitidos.

Com relação ao episódio da “tropa de choque” que ameaçou os grevistas, inclusive com armas, neste caso também os pontos de esquecimento aparecem nos discursos dos entrevistados. A professora Aparecida lembra do acontecido, mas não sabe quem eram estes homens que mostraram armas aos professores em sinal de intimidação.

A professora Consueira não recorda do episódio da “tropa de choque”, mas recorda que no dia do desfile cívico tinha pessoas empurrando os professores para impedi-los de passar no desfile. Entretanto, ela não sabe quem eram estas pessoas. Sobre esta questão a professora declara: “no momento em que a gente queria passar no desfile com as faixas, tinha pessoas, que eu não sei quem, que nos empurrava pra que a gente não passasse”.

Por sua vez, o professor Crispim ao ser questionado se lembrava quem eram as pessoas que faziam parte da “tropa de choque”, declara:

Lembrar assim o nome de todos não. Mas eu não sei se Euzébio era da prefeitura. Que eu lembro bem, a figura que eu lembro bem era Euzébio, a única figura que eu lembro bem, nessa época, era Euzébio. As outras eu não tenho muita recordação não. A pessoa que marcou mesmo foi ele, porque ele sempre tava na frente, e ele sempre demonstrou assim uma certa atitude agressiva, né. Mas não lembro do restante, não. Eu lembro muito bem dele. Dos outros eu não lembro. Não tenho idéia de quantos eram, essa equipe. Se eu não me engano, na época Eudomar fazia parte. Mas ele não, não, era como um mediador, quer vir a memória, sabe. Não sei se é verdade. Se ele fazia parte dessa equipe. Era ele Euzébio, não sei se tinha alguma outra pessoa muito influente. Não tenho recordação não.

O professor Crispim lembra dois nomes que teriam feito parte da “tropa de choque” que chegou a ameaçar os grevistas. Quanto às outras pessoas que faziam parte da equipe de choque da prefeitura, ele diz não ter recordação, nem lembrar.

Finalmente, um aspecto a ser destacado nas diversas declarações dos entrevistados, diz respeito a consciência que estes tem, e fazem questão de realçar, face ao papel histórico que desempenharam ao participar ativamente da greve de 1984.

O professor Anchieta ao comentar a importância daquele acontecimento histórico assim se reporta à greve do Colégio Comercial: “Um movimento importante que marcou a história do colégio e marcou também a vida dos servidores municipais de Cajazeiras, particularmente os servidores da rede de educação do município”.

O professor Crispim, por seu turno, na parte inicial de sua falação emite o seu parecer sobre a contribuição histórica da mobilização dos educadores do Colégio Comercial:

O que marcou na realidade foi uma nova consciência coletiva dos professores na época, de reivindicar os direitos de aumento, que era justo, que sempre, até hoje em

dia o professor é marginalizado, pelo seu salário. Na época, época esse efeito foi sentido, e houve aquela consciência coletiva de fazer uma greve em prol de um reajuste para os professores.

O professor Crispim chega a fazer uma avaliação da greve, do posicionamento de seus participantes e do papel histórico desempenhado por aqueles professores. Neste sentido ele afirma:

Eu acho assim, que a greve ela teve seus pontos positivos, que foi um avanço cultural. Todo movimento grevista ele tem um cunho político e é a formação de consciência, uma nova consciência se forma a cada movimento grevista e novas experiências se sucedem, há um novo aprendizado e tudo que propusemos naquela época foi fruto de um embate político. Então cada um teve a consciência de se posicionar no seu devido lugar, de fazer o seu papel. Cada um desempenhou o seu papel de acordo com o seu interesse.

Já a professora Consueira, esboçando uma avaliação de como as pessoas agiam naquela conjuntura histórica, assim fala:

Ah, nesse tempo, greve era uma coisa absurda, né?. As pessoas... não era todo mundo que tinha coragem de enfrentar um movimento grevista. A maior parte é, não queria, queria estar distante de tudo isso. Mas como, a gente sabia que trabalhava honestamente e não foi com intenção de prejudicar ninguém. Mas a intenção era realmente de ter melhores salários. Não era brigar por brigar. Mas que fossemos reconhecidos com melhores salários.

Está, portanto, presente no discurso da professora acima transcrito, a disposição de brigar pelos direitos, e isso num momento que apontava para a falta de coragem de “(...) enfrentar um movimento grevista”, por parte de uma boa parte das pessoas, naquela conjuntura histórica.

A consciência de terem cumprido um papel histórico ao realizarem uma greve num período de transição e de abertura, mas aonde não reinava ainda a plenitude da democracia no Brasil, faz com que os entrevistados demonstrem o orgulho do papel cumprido.

CONCLUSÃO

Tivemos a intenção de escrever, de um determinado ponto de vista, a história de um evento, elaborando uma narrativa histórica a partir dos discursos dos sujeitos que participaram desse acontecimento, que se insere na história política da cidade de Cajazeiras. Trata-se da primeira greve dos servidores municipais desta localidade.

É a teia da conjuntura política, social, econômica e cultural de Cajazeiras, à época do evento em questão, que procuramos examinar, acompanhada e descortinada pela busca da compreensão histórica daquela greve.

O fio condutor da nossa pesquisa foi o testemunho oral dos professores participantes do movimento grevista objeto de nosso estudo. Assim, com a metodologia da história oral escrevemos um trabalho que pretende registrar nos anais da academia a memória dos sujeitos que enfrentaram e desafiaram o poder local, na cidade de Cajazeiras, no ano de 1984.

As idéias políticas presentes na sociedade cajazeirense, assim como o envolvimento de partidos políticos e associações profissionais no movimento paredista municipal estão presentes em vários momentos de nossas reflexões, assim como no discurso dos grevistas entrevistados.

Diante da afirmação acima exposta, podemos elencar diversas indagações que estão no corpo deste trabalho. Entre tais indagações, destacamos: como os professores foram influenciados pela conjuntura política do período para deflagração do movimento grevista? Como as experiências de outros movimentos grevistas foram aproveitadas pelos professores da Escola Municipal em greve? Qual a contribuição de professores do Estado e da Universidade no desenrolar dos acontecimentos da greve em questão? Estas questões foram abordadas no discorrer desta dissertação.

Estas e outras questões acerca do evento histórico que analisamos, poderão ser colocadas em outras pesquisas sobre o mesmo tema. Temos a pretensão de aprofundar a pesquisa acerca da primeira greve dos professores municipais num estudo em nível de mestrado, em busca de objetivos que não foram procurados no escopo deste trabalho, dada a

especificidade e limites que caracterizam um trabalho monográfico em nível de especialização.

Nesta perspectiva, temos claro que outras contribuições de diferentes historiadores serão importantes para a construção de novos trabalhos que pretendemos realizar. Esta perspectiva se alimenta do fato de que no transcorrer das aulas das disciplinas Pesquisa Histórica e Teoria da História do Curso de especialização que ora estamos concluindo, tomamos contato com diversos autores e obras que certamente nos auxiliarão numa pesquisa posterior, explorando outros sujeitos e nuances constituintes do acontecimento aqui pesquisado. Dentre esses autores podemos citar Braudel, Duby, Foucault, Ginzburg, Keith Jenkins, Michel de Certeau, Marc Bloch, Remo Bodei, entre outros. Temos a clareza de que várias das idéias desses autores nos acompanharão no desenvolvimento da pesquisa que pretendemos dar continuidade.

Concluimos que o presente trabalho cumpre um importante papel de preservação da memória histórica dos professores da cidade de Cajazeiras, impedindo que este movimento memorável e corajoso desta categoria sofra a ação do esquecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 14ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989**; Trad. Nilo Odália. São Paulo, Ed. UNESP, 1991.

CASTRO, Pedro. **GREVE, Fatos e significados**. Série Princípios, São Paulo: Editora Ática, 1986.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**, trad. Maria de Lourdes Meneses, 2ª Ed. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2008.

FAUSTO, Boris. **HISTÓRIA DO BRASIL**. 13ª Ed. São Paulo, EDUSP, 2008.

GANDRA, José Ruy. **Coleção Chico Buarque**. Volume 11, São Paulo, Editora Abril, 2010.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. Trad. Mario Vilela, 3ª Ed., São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo, Editora Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales, a inovação em História**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Et all colaboradores. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo, Editora Atlas, 1985.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira, 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e terra, 1998.

VIEIRA, Agamenon, **CAMINHOS DA CONSTRUÇÃO** (Movimento sindical e organização dos trabalhadores na Paraíba). João Pessoa-PB, Colina da Primavera Editora, 1986.

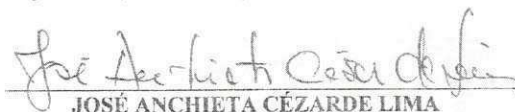
ANEXOS

Anexo A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro para os devidos fins de direito que participei de forma livre e esclarecida de entrevista realizada pelo especializando Eugenio Rolim Rodovalho de Alencar, procedimento este relacionado ao trabalho de pesquisa acerca da greve de professores do Colégio Municipal Monsenhor Constantino Vieira, evento ocorrido em agosto de 1984, objeto de estudo e elaboração de monografia para obtenção do diploma de especialista pela Universidade Federal de Campina Grande. Declaro ainda, consentir com a publicação parcial ou integral das informações que prestei no ato da entrevista concedida ao especializando em questão, assumindo a responsabilidade pelas declarações emitidas, e permitir que meu nome conste de forma explícita, nas transcrições das minhas declarações para o corpo do trabalho monográfico da supra citada pesquisa.

Cajazeiras(PB), 04 de julho de 2011.



JOSÉ ANCHIETA CÉZAR DE LIMA

Professor do Colégio Comercial Monsenhor Constantino Vieira à época do movimento paredista de 1984 e uma das lideranças daquela mobilização.

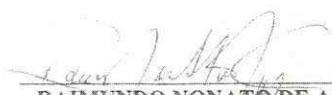
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - P.B.

Anexo B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro para os devidos fins de direito que participei de forma livre e esclarecida de entrevista realizada pelo especializando Eugenio Rolim Rodovalho de Alencar, procedimento este relacionado ao trabalho de pesquisa acerca da greve de professores do Colégio Municipal Monsenhor Constantino Vieira, evento ocorrido em agosto de 1984, objeto de estudo e elaboração de monografia para obtenção do diploma de especialista pela Universidade Federal de Campina Grande. Declaro ainda, consentir com a publicação parcial ou integral das informações que prestei no ato da entrevista concedida ao especializando em questão, assumindo a responsabilidade pelas declarações emitidas, e permitir que meu nome conste de forma explícita, nas transcrições das minhas declarações para o corpo do trabalho monográfico da supra citada pesquisa.

Cajazeiras(PB), 04 de julho de 2011.



RAIMUNDO NONATO DE ALMEIDA CRISPIM

Professor do Colégio Comercial Monsenhor Constantino Vieira à época do movimento paredista de 1984 e uma das lideranças daquela mobilização.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PB

Anexo C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro para os devidos fins de direito que participei de forma livre e esclarecida de entrevista realizada pelo especializando Eugenio Rolim Rodovalho de Alencar, procedimento este relacionado ao trabalho de pesquisa acerca da greve de professores do Colégio Municipal Monsenhor Constantino Vieira, evento ocorrido em agosto de 1984, objeto de estudo e elaboração de monografia para obtenção do diploma de especialista pela Universidade Federal de Campina Grande. Declaro ainda, consentir com a publicação parcial ou integral das informações que prestei no ato da entrevista concedida ao especializando em questão, assumindo a responsabilidade pelas declarações emitidas, e permitir que meu nome conste de forma explícita, nas transcrições das minhas declarações para o corpo do trabalho monográfico da supra citada pesquisa.

Cajazeiras(PB), 04 de julho de 2011.



CONSUEIRA FERREIRA DA SILVA

Professora do Colégio Comercial Monsenhor Constantino Vieira à época do movimento paredista de 1984 e uma das lideranças daquela mobilização.

Anexo D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro para os devidos fins de direito que participei de forma livre e esclarecida de entrevista realizada pelo especializando Eugenio Rolim Rodovalho de Alencar, procedimento este relacionado ao trabalho de pesquisa acerca da greve de professores do Colégio Municipal Monsenhor Constantino Vieira, evento ocorrido em agosto de 1984, objeto de estudo e elaboração de monografia para obtenção do diploma de especialista pela Universidade Federal de Campina Grande. Declaro ainda, consentir com a publicação parcial ou integral das informações que prestei no ato da entrevista concedida ao especializando em questão, assumindo a responsabilidade pelas declarações emitidas, e permitir que meu nome conste de forma explícita, nas transcrições das minhas declarações para o corpo do trabalho monográfico da supra citada pesquisa.

Cajazeiras(PB), 04 de julho de 2011.

Maria Aparecida Araújo de Azevedo
MARIA APARECIDA ARAÚJO DE AZEVEDO

Professora do Colégio Comercial Monsenhor Constantino Vieira à época do movimento paredista de 1984 e uma das lideranças daquela mobilização.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PB

Anexo E

URGENTE... URGENTE...

À COMUNIDADE CAJAZEIRENSE

Neste momento, nós professores e funcionários do Colégio Municipal Monsenhor Constantino Vieira, de Cajazeiras, queremos chamar a atenção da comunidade para um problema de maior gravidade e verdadeiramente inadmissível.

O ensino em nosso Estabelecimento, está em estado de calamidade, devido aos poucos recursos destinados pela Prefeitura de Cajazeiras para a sua manutenção, o que tem deixado o quadro de professores e funcionários numa situação de desespero.

Atualmente, recebemos salários de fome, ou seja, não ganhamos um quinto do salário mínimo, o que consideramos um desrespeito ao trabalho humano.

Além do mais, a formação de um profissional em técnicas de contabilidade, exige que os educadores tenham salários condizentes com sua responsabilidade, e que lhes sejam oferecidas condições materiais indispensáveis à sua formação.

Diante dessa situação, entendemos que não devemos ficar calados. Por isso, denunciamos, e ao mesmo tempo, estamos iniciando um movimento pela urgente atualização do Colégio Municipal, a fim de que possamos melhorar a qualidade do ensino e salvar um patrimônio que é do povo.

Com estas preocupações e consciências da nossa responsabilidade, nos dirigimos à comunidade cajazeirense para solicitarmos formas de apoio ao nosso movimento, contra a insensibilidade dos governos estadual e Municipal, que resistem em não reconhecer a justiça de nossa reivindicação, e pela imediata solução deste problema.

Cajazeiras, 22 de agosto de 1984

PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DO COLÉGIO MUNICIPAL

Anexo F

1

ata da reunião de fundação da Associação dos professores de Cajazeiras realizada em 15 de Dezembro de 1979 na Sede da Associação Atlética Banco do Brasil a rua João Mendonça 514

Em 15 dias do mes de Dezembro de 1979 na Sede da Associação Atlética Banco do Brasil a rua João Mendonça 514 Cajazeiras Paraíba os professores abaixo assinados reuniram-se com a finalidade principal de fundar a Associação de professores de Cajazeiras. Na oportunidade foi discutido com representantes a necessidade de criação da referida Associação usando da palavra o professor Luiz Frederico Barbosa da Rocha que enfatizou ser Cajazeiras uma cidade eminentemente educadora e não se justificava que até o presente momento a cidade não contasse com uma Associação que representasse os interesses dos professores cajazeirenses. Prosseguiu com a sua argumen

tuição o professor Luiz Tadeu de
 Balloza da Rocha conclamou os
 presentes para que se elegesse
 uma diretoria provisória que tu-
 massse a fé e a responsabilidade
 de conduzir os destinos da Associa-
 ção em proposta bem provável
 no futuro. Surgiu-se um processo
 de escolha da diretoria provi-
 sória, tendo em conta que
 esta diretoria fosse constituída
 de representantes dos diversos
 estabelecimentos de ensino
 de bagageiros e que também
 todas as tendências de pensa-
 mentos fossem ali representa-
 das, pois que a proposta da
 Associação de Professores de
 Bagageiros era de uma insti-
 tuição puramente democrática.
 Na oportunidade foi colocado como
 processo de escolha da diretoria
 provisória a eleição para a
 criação. Foi feita a apresen-
 tação de cada candidato
 sendo eleito por aclamação
 e por unanimidade em três
 eleições sucessivas os seguintes
 professores que constituirão
 a diretoria provisória atual:
 Prof. José Maria Gurgel - Presden-
 te, Prof. José de Jesus Moreira -
 Vice-Presidente, Prof. Maria de

Estina Vieira Couto - Secretária, Prof.
 Alcides Xavier Galberto - Escrivão, Prof.
 Francisco Ferreira de Sousa - Diretor Culpa-
 ral, Prof. Antero Adalberto Pessoa - Dire-
 tor Esportivo e Prof. Luiz Frederico Ben-
 Assa da Rocha - Diretor Social.
 Logo após a realização das eleições foi
 procedida a posse da diretoria eleita
 falando na oportunidade o presidente
 recém-eleito o prof. José Maria
 Gurgel. No seu discurso de posse
 o prof. José Maria agradeceu a con-
 fiança que o professorado bagazei-
 rensi depositou na sua pessoa
 no sentido de conduzir o destino
 da Associação recém-criada. Em
 seguida agradeceu a todos os presentes
 a importância do momento que era
 presenciado por bagazeiros já pe-
 dia contar com uma Associação
 que realmente representasse os
 interesses do professorado local.
 O professor José Maria destacou an-
 da no seu discurso o fato
 de que a Associação que era
 criada para atividades, não po-
 dera alcançar os seus objetivos
 se não contasse realmente com
 o empenho do professorado bagazei-
 rensi no sentido de trabalhar e parti-
 cipar das atividades programadas.
 Se referiu ainda o citado professor
 que contava plenamente na direção

universidade e que realmente são com-
 ponentes representativas e propostado
 de baixíssima. Para encerrar o
 seu discurso o prof. José Maria
 colocou ainda um dos pontos
 importantes da Associação que são
 o seu caráter eminentemente demo-
 crático, ou seja todas as decisões
 que afetem o seu funcionamento e
 desenvolvimento terão de estar em
 acordo com a vontade da maioria
 dos associados. Logo após o
 discurso do presidente a diretoria
 provisória eleita decidiu como
 primeiro ato, a constitui-
 ção de uma comissão para
 elaboração do estatuto da
 referida associação e que
 este estatuto representasse
 as ideias que norteiam
 a fundação da Associação de pro-
 fessores de baixaverde. A defesa
 do compromisso foi confor-
 mado dos professores José de
 Jesus Moura, Emanuel Ferrero de
 Sousa, José Maria Quel e José Le-
 re da Silva. E na data men-
 tionada ficou feito e rela-
 tado em Maria de Fátima
 Viana Santos! Levei a presente ata
 Segunda das Assinaturas de todos os presentes
 acordos presentes. Maria de Fátima Viana Santos - Secretária
 baixaverde, 15 de Dezembro de 1979

1850
Ferreira de Saes e Silva

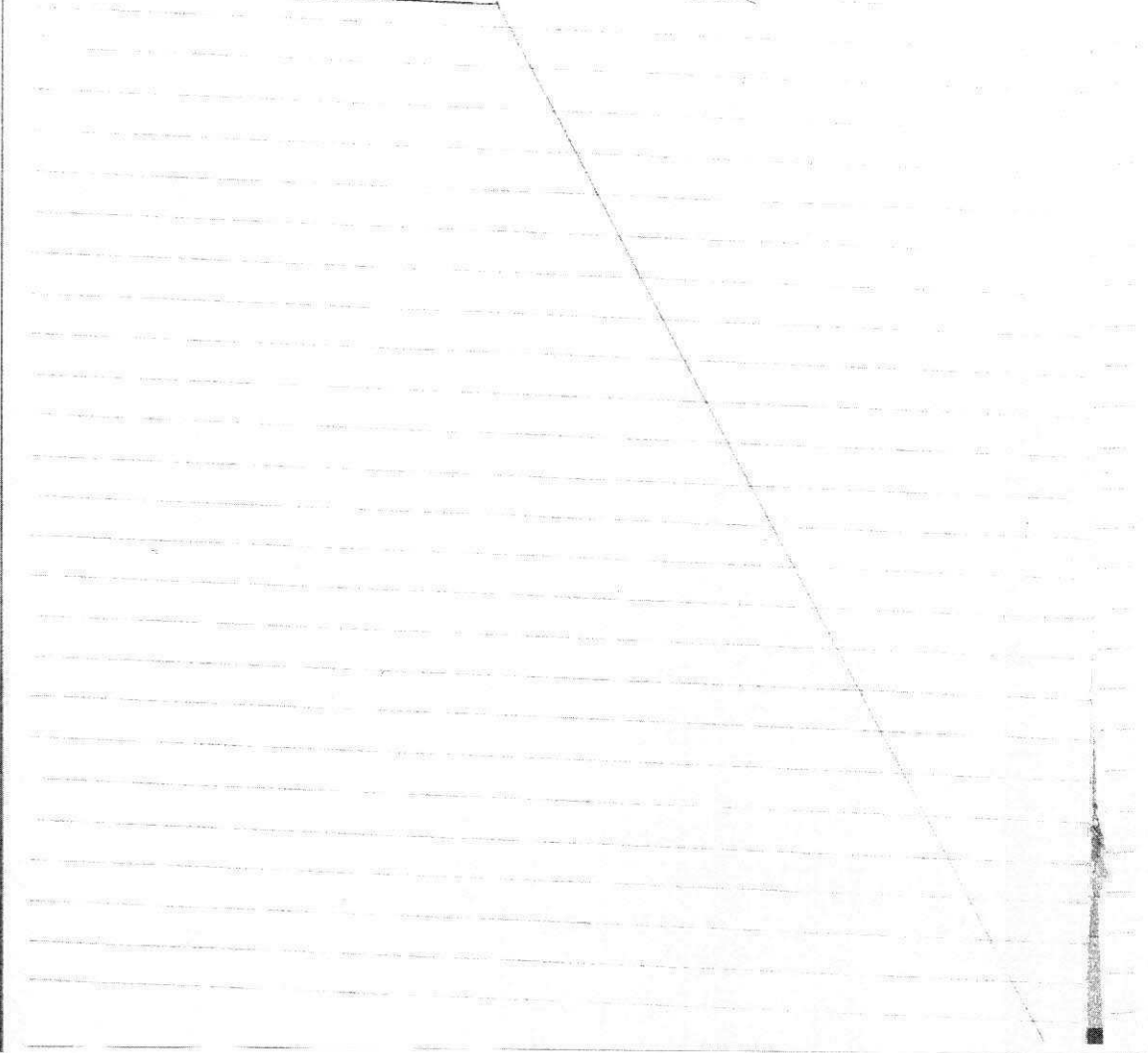
Surf da Rocha

Surf da Rocha

Surf da Rocha

Surf da Rocha

Surf da Rocha



Anexo G

ATA DA REUNIÃO DE FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE CAJAZEIRAS, REALIZADA EM 15 DE DEZEMBRO DE 1979 NA SEDE DA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL À RUA JOÃO MENDONÇA, S/N.

ES:

Aos 15 dias do mês de dezembro de 1979 na Sede da Associação Atlética Banco do Brasil à rua João Mendonça, S/N, Cajazeiras Paraíba, os professores abaixo assinados reuniram-se com a finalidade principal de fundar a Associação de Professores de Cajazeiras. Na oportunidade foi discutido com os presentes a necessidade de criação da referida associação, usando da palavra o professor Luiz Frederico Barbosa da Rocha que enfatizou ser Cajazeiras uma cidade eminentemente educativa e não se justificava que até o presente momento a cidade não contasse com uma Associação que representasse os anseios dos professores Cajazeirenses. Prosseguindo com a sua argumentação o professor Luiz Frederico Barbosa da Rocha conclamou os presentes para que se elegeisse uma diretoria provisória que tomasse a frente a responsabilidade de conduzir os destinos da Associação ora proposta. Como primeiro passo, sugeriu-se um processo de escolha da diretoria provisória, tendo em conta que esta diretoria fosse constituída de representantes dos diversos estabelecimentos de ensino de Cajazeiras e que também todas as tendências de pensamentos fossem ali representadas, vez que a proposta da Associação de Professores de Cajazeiras era de uma instituição eminentemente democrática. Na oportunidade foi colocado como processo de escolha da diretoria provisória a eleição por aclamação. Foi feita a apresentação de cada candidato sendo eleito por aclamação e por unanimidade em sete eleições sucessivas os seguintes professores que constituirão a diretoria

o i
o
ssi
co.
vel
co:
si
lg:
sci
on:
va:
sc:
át:
anc
rde
Jo
io
to:
in:
rde
o c
anc
V
V

2

provisória atual: Prof. José Maria Gurgel- Presidente; Prof. José de Jesus Moreira- Vice-Pre-
sidente; Profa. Maria de Fátima Vieira Cartaxo
- Secretária; Prof. Francisco Xavier Gualberto
- Tesoureiro; Prof. Francisco Ferreira de Sou-
sa - Diretor Cultural; Prof. Antonio Adalgiso
Pessoa - Diretor Esportivo e Prof. Luiz Frede-
rico Barbosa da Rocha - Diretor Social. Logo
após a realização das eleições foi procedida a
posse da diretoria eleita falando na oportuni-
dade o Presidente recém-empossado o Prof. José
Maria Gurgel. No seu discurso de posse, o Prof.
José Maria agradeceu a confiança que o profes-
sorado Cajazeirense depositava na sua pessoa
no sentido de conduzir os destinos da Associa-
ção recém-criada. Enfatizou ainda, o referido
professor, a importância do momento que ora
presenciamos pois Cajazeiras já podia contar
com uma associação que realmente representasse
os interesses do professorado local. O profes-
sor José Maria destacou ainda no seu discurso
o fato de que a Associação, que ora inicia su-
as atividades, não poderá alcançar os seus obje-
tivos se não contar realmente com o empenho do
professorado Cajazeirense no sentido de traba-
lhar e participar das atividades programadas.
Se referiu ainda o citado professor que confia-
va plenamente na diretoria escolhida e que re-
almente seus componentes representavam o pro-
fessorado de Cajazeiras. Para encerrar o seu
discurso o Prof. José Maria colocou ainda um
dos pontos importantes da Associação que seria
o seu caráter eminentemente democrático, onde
todas as decisões que afetem o seu funcionamen-
to e desempenho teria de estar de acordo com a
vontade da maioria dos associados. Logo após o
discurso do presidente a diretoria provisória
eleita decidiu como primeiro ato, a constitui-
ção de uma comissão para elaboração dos estatú

tos da referida associação e que este estatuto representasse as idéias que nortearam a fundação da Associação de Professores de Cajazeiras. A referida Comissão foi constituída dos professores: José de Jesus Moreira, Francisco Ferreira de Sousa, José Maria Gurgel e José Leite da Silva. E nada mais tendo sido feito e relatado eu, Maria de Fátima Vieira Cartaxo, lavrei a presente ata seguida das Assinaturas de todos os professores acordes presentes. Maria de Fátima Vieira Cartaxo - Secretária. Cajazeiras, 15 de dezembro de 1979. José Apolinário do Nascimento, Eva Gonçalves de Oliveira Maciel, Terezinha Carolino de Souza, Francisca César Leitão, Antonio Adalgiso Pessoa, Geraldo Carolino de Souza, Astride Militão de Albuquerque Almeida, José de Jesus Moreira, Maria do Socorro Moura Fernandes, Francisca Zélia Ribeiro, Francisca Moreira de Moura, Maria Moreira de Oliveira, Francisca Maria de Lima, Francisca Ma. de Albuquerque e Lacerda, José Audisio Dias de Lima, Assinatura Inelegível, Fátima Meireles, Maria de Fátima de Souza, Maria Eunice de Abreu, Adiel Goes de Figueiredo, Francisca Pessoa de Figueiredo, Maria de Fatima Freitas de Oliveira, Maria do Socorro Cartaxo Pessoa, Maria Zélia Rolim, Lúcia Maria Marques Cartaxo, Antonia Moreira de Sousa, Assinatura Inelegível, Assinatura Inelegível, Assinatura Inelegível, Assinatura Inelegível, Ana Batista Neta, Francisco Xavier Gualberto, Maria de Fátima Vieira Cartaxo, Osmar Apolinário do Nascimento, Assinatura Inelegível, Francisco Ferreira de Sousa, Luiz Frederico Barbosa da Rocha, José Maria Gurgel, Francisco Valdeberto de Lira, Maria Cleonice do Nascimento, Rita Soares de Almeida, Hosana Maria Dias de Sousa .

Anexo H

5

Manoel
Diniz

Ata de posse da Diretoria da Associação
de Professores de Capangas - ASPEC — 11

Aos vinte e seis dias do mês de março do ano de mil novecentos e oitenta e quatro, no dia dos dias do Centro de Formação de Professores de Capangas para a educação, o dia, foi realizada Assembleia extraordinária da Associação de Professores de Capangas para a realização de posse da nova diretoria eleita no dia vinte e seis de janeiro de mil novecentos e oitenta e quatro, para o biênio 84/85. Compareceram em solido todos os professores Manoel Diniz, Paulo da Silva, José Edilson de Araújo, José Carlos, Antonio Francisco de Queiroz, Manoel Martins, Severino Dantas Filho, Maria do Socorro Soares, Antonio Adalberto Pessoa, Vera Isabel Diniz, Maria Elisabete, Fábio Ernesto Pereira, João Bosco Batista Almeida, Maria Fátima Alves, Maria do Socorro Xavier, Maria Gorete Ramalho, Francisco Bezerra de Oliveira, Eliete de Oliveira Alves, Maria Conceição Nascimento Andrade, Fatima Maria Elias Ramos, Maria do Socorro, Alice Alice Holanda, Maria Thelma, Francisco Batista Gonçalves, Gertrudes Maria do Rêgo, Aderaldo Leite e Maria, Francisco dos Santos Lima, Rubenilson Mendes, Antonio, Aquilino Maria Melo Coutinho. Aberto os trabalhos o presidente em exercício assumiu a presidência do Nascimento convocou os componentes da nova diretoria

para José Wilson Araújo, Engenheiro Civil, Diretor
 geral da empresa de energia, Antonio Fernandes
 de Oliveira, Rita Oliveira, João Bosco Batista
 Almeida, José Martins, João Maria Campos e
 Fernando Joaquim Dias, respectivamente presidente,
 vice-presidente, secretário, tesoureiro, diretor geral
 diretor executivo, diretor cultural, presidente suplen-
 te e delegado suplente. Sendo constituída a Comis-
 são Organizadora para a realização em nome da Direc-
 ção, assim no exercício, das seguintes funções:
 e facultadas competências atribuídas em virtude, esta-
 bilitando as responsabilidades previstas no estatuto e no
 regulamento interno como a seguir: a) estabelecer o
 estatuto da ASPEL. Fundamentada e subscrita pelo
 ato do professor Antonio Fernandes de Oliveira
 novo Tesoureiro da ASPEL por parte de seu pro-
 pósito em cumprimento quanto de todos os
 aspectos satisfatórios, para este, em respeito de todos. Não
 havendo mais para cumprir por parte do presidente
 o presidente de posse e nome de estatuto e em
 um período de seis meses, após o estabelecimento
 dos estatutos, tendo a presente carta por fim
 e aprovada em conjunto por todos.

José Martins
 João Maria Campos
 Rita Oliveira
 João Bosco Batista Almeida
 Fernando Joaquim Dias
 Antonio Fernandes de Oliveira
 José Wilson Araújo
 Presidente
 Vice-presidente
 Secretário
 Tesoureiro
 Diretor Geral
 Diretor Executivo
 Diretor Cultural
 Presidente Suplente
 Delegado Suplente

1
 2
 3
 4
 5
 6
 7
 8
 9
 10
 11
 12
 13
 14
 15
 16
 17
 18
 19
 20
 21
 22
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33
 34
 35
 36
 37
 38
 39
 40
 41
 42
 43
 44
 45
 46
 47
 48
 49
 50
 51
 52
 53
 54
 55
 56
 57
 58
 59
 60
 61
 62
 63
 64
 65
 66
 67
 68
 69
 70
 71
 72
 73
 74
 75
 76
 77
 78
 79
 80
 81
 82
 83
 84
 85
 86
 87
 88
 89
 90
 91
 92
 93
 94
 95
 96
 97
 98
 99
 100

Anexo I

ATA DE POSSE DA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE CAJAZEIRAS - ASPEC.

Aos vinte e seis dias do mês de março do ano de mil e novecentos e oitenta e quatro, numa das salas do Centro de Formação de Professores de Cajazeiras para a solenidade, digo, foi realizada a Assembléia extraordinária da Associação de Professores de Cajazeiras para a solenidade de posse da nova diretoria eleita na dia vinte e seis de janeiro de mil novecentos e oitenta e quatro, para o biênio 84/85. Compareceram a solenidade os professores Waldomiro Paulo da Silva, José Edilson de Amorim, José Gorete, Antonio Fernandes de Queiroga, Josefa Martins, Severino Dutra Filho, Maria do Socorro Soares, Antônio Adalgiso Pessoa, Dora Isabel Paiva, Maria Elizabeth, Fabio Freitas Pereira, João Bosco Batista Lacerda, Maria Fátima Abreu, Maria do Socorro Xavier, Maria Ioneida Ramalho, Francisca Bezerra de Oliveira, Elásge de Oliveira Alves, Maria Goreti do Nascimento Andrade, Fátima Maria Elias Ramos, Luiza Moisés de Sousa Cleonice Holanda, Maria Ilbaniza, Francisca Batista Gonçalves, Jessélia Maia do Rêgo, Luciane Leite Moreira, Francisco das Chagas Lima, Rubismar Marques Galvão, Amélia Maria Melo Coutinho. Aberto os trabalhos o Presidente em exercício Osmar Apolinário do Nascimento convidou os componentes da Nova Diretoria: José Edilson Amorim, Francisco Valdeberto de Lira, José Gorete Pedrosa de Lacerda, Antonio Fernandes de Queiroga, Rita Oliveira, João Bosco Batista Lacerda, Josefa Martins, José Maria Gurgel e Francisco Jurdan Dias, respectivamente Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Tesoureiro, Diretora Social, Diretor Exportivo, Diretora Cultural, Primeiro Suplente e segundo Suplente. Dando continuidade o professor Osmar Apolinário do Nascimento falando em nome da Diretoria ainda em exercício, fez referências as contas e trabalhos realizados durante sua gestão, especialmente os movimentos grevistas locais e nacionais, assim como o início da construção da sede da ASPEC. Facultando a palavra fez dela uso o professor Antonio Fernandes de Queiroga, novo tesoureiro da ASPEC

que falou de seu propósito em aumentar o quadro de socios da entidade solicitando para isto, a ajuda de todos. Não havendo mais quem quisesse fazer uso da palavra o presidente deu posse a nova diretoria e eu na qualidade de secretário, após o encerramento dos trabalhos, lavrei a presente ata que lida e aprovada será assinada por todos.

Cajazeiras, 26 de março de 1984.

Anexo J



ESTADO DA PARAIBA

Prefeitura Municipal de Cajazeiras

Governo do Município

PORTARIA Nº 154/84

S.A.

O PREFEITO MUNICIPAL DE CAJAZEIRAS-PB, no uso de suas atribuições legais,

RESOLVE, EXONERAR a servidora CONSUEIRA FERREIRA DA SILVA, do cargo de Professora, Nível 1, Classe C, lotada na Secretaria da Educação e Cultura e exercício no Colégio Municipal Monsenhor Constantino Vieira, a partir da presente data.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAJAZEIRAS-PB, em 23 de Agosto de 1.984.

EPI TÁCIO LEITE ROLIM

PREFEITO MUNICIPAL

AUTENTICAÇÃO

Autentico a(s) presente(s) cópia(s)
- reprodução fiel do(s) original(is).

Dou fé. Em, 18-05-2009.

Oficial / Estrevente

1º REGISTRO CIVIL

Sede da Comarca - Cajazeiras - PB

Cartório de Registro Civil
Oficial de Registro Civil

Cartório de Registro Civil
Escritório de Registro Civil

(RAMO DE 100 ANOS DE SERVIÇO)

UNIVERSIDADE
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS